Dramaturxias itinerantes Dramaturgias itinerantes

EDITA

Consello da Cultura Galega, 2021

Pazo de Raxoi, 2º andar

Praza do Obradoiro, s/n

15705 Santiago de Compostela

T 981 957 202 • F 981 957 205

correo@consellodacultura.gal

www.consellodacultura.gal

© DOS TEXTOS

Rita Pinheiro

Laura Porto

DOI: 10.17075/didi.2021

O recital Dramaturxias Itinerantes – Dramaturgias Itinerantes da edición do ano 2021 foi presentado os días 30 de novembro de 2021 no Teatro Helena Sá e Costa de Porto e o día 2 de decembro de 2021 na sede da ESAD de Vigo.

Dramaturxias itinerantes

Dramaturgias itinerantes

Pasou case un ano dende a anterior edición do ciclo “Dramaturxias itinerantes / Dramaturgias itinerantes”, un proxecto nado en 2019 no que o Consello da Cultura Galega, o Camões-Centro Cultural Português em Vigo e a Escola Superior de Arte Dramática de Galicia se alían para promover un diálogo creativo entre as escritoras dramáticas contemporáneas de Galicia e Portugal. Un diálogo que é tamén escénico e que, nesta ocasión, tenta crear pontes entre o alumnado da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo de Porto e a ESAD de Vigo, xermolos ambas de excelentes profesionais no futuro. A partir de aí, dese convivio de estéticas, linguas e paixón xuvenil, chegan a nós neste 2021 os textos de Rita Pinheiro e Laura Porto, como en edicións anteriores do ciclo chegaron os de Patrícia Portela e AveLina Pérez, de Ana Carreira e Joana Craveiro, de Clara Gayo e Cláudia Lucas Chéu.

Se *Camaleoa. Do corpo ao manifesto* de Rita Pinheiro aborda cuestións tan actuais coma as do vínculo entre corpo e identidade(s), *Reino da extinción* de Laura Porto válese dun peculiar procedemento de deconstrución da Historia para enfrontarnos cos eternos problemas da Humanidade, que permanecen irresolutos mesmo a inminencia dunha apocalipse que hoxe semella máis posible ca nunca.

Os dous textos interpélannos dun xeito radical e velaí que, por iso, estas “Dramaturxias itinerantes / Dramaturgias itinerantes” teñen, cando xa case lle estamos a poñer o ramo

ao 2021, máis sentido ca nunca: porque nestes últimos tempos experimentamos a vertixe do efémero da nosa condición e padecemos unha fenda existencial en forma de confinamento que nos fai hoxe, superviventes, valorar aínda máis iso que o teatro representa coma ningunha outra arte: a pura vida.

Dolores Vilavedra

Rita Pinheiro

CAMALEOA. DO CORPO AO MANIFESTO

A minha mãe tinha quarenta e seis anos quando nasci. Somos quatro irmãos, duas raparigas e dois rapazes.

Apesar de ser a do meio, acabei por ser a responsável pela educação deles a nível escolar.

Sempre tive a ideia de seguir Psicologia, mas, entretanto, a minha mãe faleceu.

Fiquei com dois irmãos menores a meu cargo, a responsabilidade de cuidar de tudo e fui obrigada a trabalhar. Como tirei geriatria no secundário, fui trabalhar para um lar.

Passámos bastantes dificuldades. Foi uma época difícil.

Costumo dizer que a minha mãe pensou que era eterna. Sempre preocupada com a nossa educação e o nosso percurso escolar.

-Estudem, que vocês conseguem. Se estudarem terão um futuro pela frente.

Foi uma mãe que fez tudo o que pôde pelos quatro filhos. Zelava pela nossa educação, deu-nos amor, atenção...

Quando faleceu, e apesar de todos os seus esforços, percebi que não estávamos preparados para a vida, não é? Para o mercado de trabalho, para as obrigações. Tínhamos bons valores, mas éramos demasiado jovens. Só quando ela morreu é que entendi o significado de assumir responsabilidades e ter um trabalho.

Pouco tempo depois, um dos meus irmãos adoeceu e tive de cuidar dele. Ainda tinha outro menor ao meu cuidado.

Depois tínhamos aqui a questão da segurança social, que nunca respondia a tempo. Os serviços diziam:

Não há verbas, têm de aguardar.

E nós limitávamo-nos aceitar porque pensávamos que era mesmo assim que o sistema funcionava.

Estava a lidar com muita coisa e a tentar fazer o luto ao mesmo tempo. Ou seja, como adolescente encontrava-me com enormes responsabilidades às costas, num sistema que não dava resposta e sem maturidade ou recursos para enfrentar a nova realidade que tinha em mãos.

Só eu e outro irmão é que trabalhávamos. Eu ganhava o ordenado mínimo. Quatrocentos e tal euros para pagar as contas da casa, alimentação, transportes etc. Claro que isto gerou grandes dificuldades. Além disso, com a doença do meu irmão, o acesso a medicação, transportes para hospitais, estava sem apoio e com imensas obrigações.

Com a ausência da minha mãe e a doença do meu irmão, encontrava-me num beco sem saída.

Foi, então que ouvi falar num determinado tipo de pessoas com um determinado tipo de trabalho que lhes permitia pagar as contas e muito mais.

Tinha dezoito anos, quando conheci uma dessas pessoas. Chamavam-lhe a Professora.

Era uma figura incrível. Vestia muito bem, tinha carro. No café, pagava gelados às crianças todas. Tinha poder económico. Era uma personagem invejável.

E comecei a ouvir entre linhas:

-Ah, mas ela é trabalhadora do sexo.

E eu disse:

-Então eu também quero ser trabalhadora do sexo.

Mesmo sem saber o que isso significava, não é? Que é tipo, não, eu também quero ter essas coisas todas e essa vida. Também quero ter dinheiro para pagar as minhas contas, cuidar do meu irmão, da minha família, de mim.

Um dia, estou sozinha no café, dirijo-me a ela e pergunto-lhe:

-Posso ir para o teu trabalho?

Ela fica muito desconcertada.

-Não, nem pensar, és muito nova.

Mas lá fiz o meu papel. Expliquei-lhe que precisava de trabalhar. Falei-lhe da minha situação e que me encontrava entre a espada e a parede. Tanto insisti que a Professora acabou por concordar em levar-me.

Naquela altura, eram aquelas casas de alterne, em que se estava um bocado, se conversava e se dançava. São espaços onde as pessoas pagam para ter uma companhia.

Há todo o tipo de clientes: casados, solteiros, pessoas tímidas, com problemas físicos, enfim, clientes que pagam para conversar, para dançar e beber um copo. É como ir a uma discoteca. Só que em vez de seduzirem alguém, pagam por aquela companhia. Pagam para poder estar com uma mulher.

E foi assim que entrei no trabalho sexual.

Para mim não foi difícil quando comecei porque adoro conversar, adoro dançar, gosto muito de música e, em pouco tempo, os meus rendimentos aumentaram.

Talvez pelo facto da minha mãe ter uma certa idade, conversámos sempre muito. Como também queria seguir psicologia, ouvir os outros era algo verdadeiramente interessante para mim. E esta prática foi-me muito útil para lidar com os meus irmãos mais novos, com os professores, clientes. Ou seja, associei algo que sempre gostei de fazer como conversar, a lucros elevados. Ainda para mais na altura era jovem. Então, de certa forma, estas ferramentas ajudaram-me logo desde início e durante todo o meu percurso como trabalhadora do sexo. E claro, ganhava bastante dinheiro.

Entretanto, surgiu a oportunidade de ir trabalhar para outra zona. Os clubes diferem muito uns dos outros. Uns são mais simples, mais comuns, outros têm shows de strip com espetáculo ao vivo. Naturalmente nesses há a oportunidade de ganhar mais dinheiro. Ainda mais.

E acabei por ser convidada para um desses clubes, onde existia a música, a dança e o espetáculo. Trabalhava quinze dias seguidos. Depois a pausa de descanso variava entre uma semana até quinze dias.

Estes clubes são frequentados por pessoas com outro poder económico e aí surgem as ofertas do sexo e tu vais dizendo:

-Não, não, não.

Mas, ao mesmo tempo vais falando com outras pessoas que o fazem, no mesmo espaço em que estás a trabalhar. Até que chegas a um ponto em que a oferta é tão grande que experimentas.

Recordo-me perfeitamente da primeira vez que estive com um cliente.

Curiosamente foi a primeira vez que me senti verdadeiramente empoderada. É incrível, não é? As pessoas não conseguem entender, porque não veem o meu trabalho com os mesmos olhos, mas finalmente estava no controlo. Eu detinha o poder. Exigia e comandava. Estava a ser paga para dominar e usar as minhas capacidades para proporcionar prazer.

E não senti vergonha nenhuma. Foi maravilhoso. A minha autoestima mudou.

A partir desse dia nunca mais fui a mesma.

Quando penso na minha infância, apercebo-me das dificuldades que passámos. Eu não tinha essa percepção na altura. Não sei bem como, mas a minha mãe, costureira, com quatro filhos, sempre nos conseguiu transmitir que éramos os melhores do mundo. E olhando para trás, éramos mesmo. Ela era uma pessoa muito especial.

Lembro-me de um dia ter pedido uns laços à minha mãe. O meu cabelo é ondulado, mas estava curto e eu queria o cabelo comprido e a abanar como o das minhas colegas. Então fomos a uma retrosaria. A minha mãe fez-me dois totós e pôs-me uns laços enormes. Os laços chegavam quase aos joelhos e eu abanava-os

como se fossem o cabelo e sentia-me felicíssima. Quando revejo as fotografias sinto uma gratidão imensa e gostava que ela aqui estivesse para lhe agradecer.

E no Natal? Na minha ideia, tínhamos uma árvore de natal. Só mais tarde, enquanto organizava as fotografias, é que percebi que era apenas um ramo de um pinheiro, apenas um ramo, não tinha árvore nem tronco. E a minha mãe pendurava uns chocalinhos que comprava na estação de comboios. Não havia muitas prendas.

Mas lembro-me de estar toda feliz a receber umas bolachas com recheio, um pacote a cada um, e foi a prenda mais... nós lambíamos aquilo tudo e às vezes quando estou com os meus irmãos ainda nos rimos. Foi uma infância feliz.

Ah! E era tão bom quando cantava com a minha mãe. Eu achava que podia ser cantora. Gravámos muitas k7s, que ainda hoje tenho. Ela adorava ouvir-me e dizia:

-Canta pra mim, meu amor.

O meu irmão, que fazia coro comigo, não gostava nada, mas eu começava a cantar, a minha mãe gravava e eu sentia-me tão feliz.

Eu acho que o que me levou a trabalhar na indústria do sexo foi a ambição. Queria ganhar mais e queria ter as minhas coisas.

Trabalhei em diferentes áreas. Boates, apartamentos, webcam e também fiz trabalho de rua. Isto foi um percurso. Que devido a várias situações se foi alterando. Mas independentemente da área, sempre exerci o trabalho sexual como qualquer outro trabalho.

No tempo em que trabalhava no lar, ganhava o ordenado mínimo, davam-me o almoço e trabalhava por turnos. Apanhava dois autocarros para lá e para cá. A meio do dia tinha um intervalo e depois trabalhava até às dez da noite. Quando chegava a casa já era tarde. Não via os meus irmãos, não jantava, não tinha tempo para mim, absolutamente nada.

Quando deixei este trabalho, fui para hotelaria, que é outra coisa que gosto. A questão da comunicação que adoro. Mas mais uma vez, os horários eram repartidos. Então entrava às nove da manhã, tinha um intervalo durante a tarde e saía a meia noite. Ou seja, os turnos eram longos e os horários que apareciam eram incompatíveis com a minha vida familiar porque ainda tinha os meus irmãos ao meu encargo. E aquilo que gastava em transportes, não compensava. Além disso tinha muitas despesas, necessitava de coisas, queria outras, mas ficava apenas com cento e tal euros do meu ordenado. Então era tipo:

-Não, eu com cento e tal euros como é que consigo chegar ao fim do mês? Nós temos de comer.

E depois no trabalho, comecei a aperceber-me das conversas das minhas colegas mais velhas que diziam que ia ser assim para o resto da minha vida.

Eu não crítico. Acho que cada um deve fazer aquilo que a sua consciência manda. Mas como mulher vi que, com a escolaridade que tinha na altura, teria de trabalhar muito, trabalhar muitas horas, teria de abdicar da minha vida, porque trabalhava aos fins de semana, tanto em hotelaria como no lar, e só passados alguns anos é que poderia ter um estatuto que me permitisse folgar aos fins de semana. Então via as ofertas de emprego, ouvia as mulheres mais velhas a falar e pensava:

-A minha vida vai ser sempre isto. Trabalhar, trabalhar, trabalhar, não poder ir a um restaurante, não poder comprar um telefone, não poder fazer umas férias, nada. Ou seja, ter de abdicar de tudo.

E quando surge esta oportunidade, de ganhar mais, não é mais, é muitíssimo mais, comesas a questionar-te. Depois, olhas à tua volta, vês pessoas com capacidades para fazer isto e aquilo, e pensas:

-Eu não vou ter mais oportunidades, por isso tenho de aproveitar.

Ou então:

-Não, não vou fazer isto.

É uma opção.

No meu caso, não foi uma escolha entrar no trabalho sexual, mas foi uma opção ficar.

Mas atenção que nem todo o trabalho sexual implica contacto físico. Tu podes dançar, ser massagista, fazer webcam, podes ser alternadeira, que isso não exige contacto físico. Não há sexo envolvido. Uma alternadeira faz companhia, que foi como comecei, que no fundo é a mesma coisa de estar num lar. Para mim é semelhante.

Lembro-me de estar no lar a conversar com o Sr. Joaquim. Levava-lhe o jornal às sete da manhã. Ele adorava ler. Uma outra senhora, da qual já não me recordo o nome, com oitenta e tal anos, era escritora. Ah! Adorava ouvi-la. Conversava com ela e ela punha batom. Eu queria ouvir a sua história, mas ela só queria por o batom.

-Quer maquilhar-se antes de ir para a sala de convívio? perguntava-lhe.

Então como alternadeira conversas e fazes companhia. Contas a tua vida, do outro lado contam a deles. Por isso, não notei grandes mudanças no início do trabalho sexual porque não havia sexo envolvido.

Com o tempo, foram surgindo algumas ofertas de trabalho, mas não me interessavam. O que me interessou realmente resultou do trabalho sexual. E foi graças a ele que concretizei vários sonhos.

Consegui pagar uma universidade privada. Tirei o curso de Sociologia. Até cheguei a enviar algumas candidaturas para empresas ligadas à reinserção social, mas nunca me chamaram. Optaram sempre por contratar pessoas, que não tivessem sido TS, é uma forma de abreviar.

Tenho uma colega que se formou comigo, que está a trabalhar num posto de gasolina. Ela gosta? Não. Sente-se triste com isso? Sim. Está satisfeita? Não. Tem de pagar as contas? Sem dúvida.

Eu poderia limpar casas, que sei limpar perfeitamente bem. Ou tomar conta de idosos, porque já tinha essa experiência. Ou seja, poderia optar por ganhar o ordenado mínimo, não é? Mas fui estudar para ter a possibilidade de ganhar mais qualquer coisa, só que isso não aconteceu. Enviei currículos, fiz formação noutras áreas, tenho vários conhecimentos, mas...

As opções que existem são: trabalhar oito horas por dia no mínimo e ganhar o ordenado mínimo. Não quero.

Eu decidi usar o meu corpo como uma armadura e deixar de ser uma vítima do sistema. Foi isso que aconteceu.

O trabalho sexual é bem remunerado em comparação com outro tipo de trabalhos.

Por exemplo, em apartamento trabalhas cerca de meia hora por cliente por um valor médio de cinquenta euros. Já webcam, um show de dez minutos, custa à volta de quinze euros. Agora os valores andam mais baixos, mas se só quiserem pagar dez euros, o máximo são sete minutos.

O trabalho de rua ronda os quinze, vinte euros. Estamos a falar de oito a dez minutos. Oito a dez minutos em que não se tira a roupa. Ou seja, entre o primeiro contacto de:

-Quanto é? O que é que fazes? e tal.

Entre este tempo, desde que entras no carro e vais até ao local. Quando lá chegas, colocas os teus artigos de higiene, toalhas, o álcool, preservativo. Amarras ou não o cabelo. Isto vai da jogada de cada pessoa. Tens o mínimo de contacto possível com o cliente. Este ponto é importante, é mesmo. Repito. Estamos a falar de oito a dez minutos.

E se tu fazes cinco clientes por dia, que normalmente fazes muito mais, estou a dizer no mínimo, num dia fraco, são cem euros por dia!

É importante dizer que a abordagem e o discurso influenciam muito a negociação. Fazem aumentar ou diminuir o preço. Penso que qualquer bom vendedor concordaria comigo. Felizmente para mim, tenho um bom poder de argumentação.

Como trabalhadora do sexo sou eu que organizo a minha agenda, os meus horários, não tenho de dar satisfações a ninguém, tudo depende de mim e da qualidade do meu trabalho. No fundo sou uma empresária em nome individual. E o meu modelo de negócio é vender pacotes de prazer. Tal como uma massagem, uma ida ao spa ou a um restaurante são procurados pelo prazer e bem-estar associados, também eu sou procurada para proporcionar prazer através de uma experiência sexual.

Virginie Despentes, no seu livro *King Kong Théorie*, faz uma analogia curiosa. Diz que procurar uma trabalhadora do sexo é como ir a um psiquiatra. Há espaço para palavras.

Há quem nos veja como assistentes sociais com esperma adicionado.

Foi o trabalho sexual que me permitiu alcançar a minha independência económica e ter uma vida. Pagar as minhas contas, cuidar da minha família, tirar a carta, até comprar um carro.

Mas estamos a falar de uma profissão de desgaste rápido. Por isso tive de aprender a gerir tudo de forma muito cautelosa, para chegar até aqui com alguma estabilidade e de alguma forma assegurar o meu futuro.

As pessoas pensam que não é um trabalho digno. Mas quem é que definiu os parâmetros da dignidade? Com que legitimidade?

Em boa verdade não é só o trabalho sexual que é considerado imoral. A masturbação, a pornografia, estão associadas à leviandade e promiscuidade. Não se fala abertamente destes temas. São tabus.

Mas há que fazer uma reflexão acerca do sexo. Porque é que as pessoas o fazem? Poderia agora perguntar a cada um de vocês, mas seria constrangedor.

Pela minha experiência, paga-se a um trabalhador do sexo por várias razões:

(Testemunhos voz off)

Não obtenho o que necessito da pessoa que tenho ao meu lado;

Não falo de sexo com o meu parceiro;

Nem sempre digo abertamente do que gosto ou não gosto;

Gosto de quebrar a rotina;

Sou solteira e é uma escolha pagar para ter prazer;

Tenho problemas de comunicação;

Não encontro ninguém compatível;

Pela minha incapacidade tenho dificuldade em encontrar alguém;

Tenho taras maradas e gosto de foder à força.

(Termina voz off)

Parece-me ridículo ter de vos explicar.

Vocês precisam de alguma justificação para foder ou podem fazê-lo livremente?

Eu faço disso o meu trabalho e dá-me muito prazer.

Desde a minha adolescência que costumava dizer que um dia seria missionária porque a minha grande causa sempre foi ajudar os outros. E de alguma forma ao longo deste tempo todo tenho sido.

Após alguns anos a trabalhar nesta indústria, tornei-me ativista pelos direitos dos trabalhadores do sexo quando percebi que não era considerada uma boa pessoa aos olhos da sociedade.

Uma das minhas missões é conseguir alterar este estigma.

Como ativista, percebi que por ser trabalhadora do sexo estava ausente de qualquer debate. Isto porque as pessoas são altamente condicionadas pelos valores judaico-cristãos e pela moralidade religiosa que santifica o corpo da mulher. Portanto, fazer sexo com estranhos, ainda para mais com dinheiro envolvido, torna-se condenável para a sociedade.

Eu luto contra isso.

Mesmo se um dia deixar de o ser, ficarei marcada para a sociedade porque a expus e destruí a crença de que só é possível encontrar a felicidade no casamento e no amor. Visão que claramente ignora o facto de que muitas mulheres, não procura um romance, nem têm qualquer interesse por sexo.

Na realidade, todo o trabalho que tenho desenvolvido ensinou-me a ter orgulho no que faço e por isso dou a cara, mas reconheço que o trabalho sexual vive assombrado pelo preconceito.

A forma como as pessoas olham para mim. Apenas como “prostituta”. Um estigma associado a uma palavra carregada de sujidade.

Mas essa imagem da “prostituta” que existe no imaginário coletivo no fundo é a imagem de uma mulher. Nunca se ouve falar do homem, do transsexual, deste ou daquele. Não. Ouve-se:

-A “prostituta”, aquela porca, aquela gaja que só serve pra chupar.

É uma palavra que nos despersonaliza.

Quando digo que sou trabalhadora do sexo, sou imediatamente julgada. A sociedade está presa a um estereótipo e a culpa disto acontecer é de todos nós. Desde a comunicação social, que oculta factos, às pessoas em geral que ainda utilizam vocabulário depreciativo nas conversas de café. Há uma desinformação tão grande que leva à nossa segregação.

Nós somos invisíveis para a maioria de vocês.

Vivemos sobre o escrutínio da sociedade que julga sem conhecimento e nos desumaniza. Este é o principal obstáculo à atividade e durante muitos anos foi um obstáculo à minha própria aceitação.

O trabalho sexual é uma opção para mim. Poderia fazer outras coisas? Sim. Poderia viver num mundo completamente feliz? Sem fome, guerras, desgraças, políticas destruidoras, num mundo perfeito! Gostava de fazer parte desse mundo, mas a realidade não é assim. Então penso que é sobre esta realidade que é urgente intervir.

A legalização do trabalho sexual, independentemente de se compreender, gostar, aceitar ou não.

Digo isto porque de facto hoje falo abertamente do meu trabalho. Não tenho uma carteira profissional e sou obrigada a fazer os meus descontos por outra profissão, mas pelo menos não vivo às custas do estado, não sou vigarista, nem ando a roubar ou a enganar as pessoas. Tal como também não sou uma coitadinha.

É mesmo uma escolha e sou feliz assim.

Mas para trabalhar, precisamos de condições e, em Portugal, a lei é complicada. É permitido exercer, mas por exemplo, não posso alugar um apartamento com uma colega para trabalhar nem levá-la para o trabalho todos os dias. É considerado crime. Já apanhei uma multa de dois mil e quinhentos euros, porque não sou taxista. Se fosse para outro trabalho qualquer, poderíamos ir juntas, uma vida inteira. Curioso ah?

Mas se for o marido a dar boleia à mulher para ela ir trabalhar, não há problema. Ele pode levá-la e trazê-la e viver do dinheiro do seu trabalho. Se a minha colega me der dez euros para a gasolina, incorro numa pena de seis meses a cinco anos.

Isto mostra bem o estado que temos.

Estou a trabalhar. Acabam os preservativos e peço a uma colega. Ela está a incorrer num crime porque me está a entregar material. Crime de lenocínio simples. Ridículo, não é?

Como ativista luto pela despenalização do lenocínio simples, para que estas coisas deixem de acontecer.

Porque a lei conforme está, na prática não é congruente nem nos protege. E é por isso que sinto que é preciso divulgar e informar sobre o trabalho sexual.

Olhem para mim! Olhem para mim!

O trabalho sexual não vai deixar de existir.

Nos países onde foi parcial ou completamente criminalizado não acabou. E o pior é que contribuiu para um aumento da discriminação e marginalização. Resultado: grupos mais vulneráveis, maior exploração e violência.

É preciso que entendam que as condições que a sociedade me oferece não são aliciantes.

Imaginem um trabalho socialmente aceite. Vou trabalhar não sei quantas horas por dia, a ganhar o ordenado mínimo, o que não paga o empréstimo de uma casa. Então vou viver para um quarto, não é? Tudo bem, nem toda a gente tem de ter uma casa. Portanto, vou viver para um quarto, com uma renda de duzentos e cinquenta euros, isto no Norte, porque na capital já não se consegue estes valores. Não posso constituir família porque o dinheiro não chega. Não me posso permitir qualquer tipo de luxo. Não posso comprar livros, ir ao teatro, fazer umas férias e terei de viver a vida toda a contar todos os tostões e a tentar agarrar o máximo de subsídios. Também não poderei comprar alimentos caros ou mais saudáveis, o que me pode trazer problemas de saúde e, como consequência, serei mais uma a sobrecarregar o serviço nacional de saúde. Conclusão, estarei literalmente a sobreviver. Mas tudo bem, porque desta forma estou a seguir os padrões que se definiu serem os corretos. Não interessa nada se sou infeliz, porque segundo a sociedade patriarcal, serei uma cidadã exemplar.

Não faz qualquer sentido abdicar do que conquistei e voltar ao cenário do qual fugi apenas porque a sociedade diz que é errado. Porque esta sociedade não consegue dar condições a todos aqueles que vivem da indústria do sexo.

Então porra! Não venham mexer connosco.

(Testemunhos voz off)

Eu não posso falar abertamente sobre aquilo que faço por alma de quem?

Eu não roubo, não estou a fazer mal a ninguém. Muito pelo contrário.

Porque é que preciso dizer que estou desempregada quando tenho de preencher um formulário? Preciso mentir para ser respeitada? Como é que isso é justo? Isso é que é viver de forma exemplar?

Posso sempre dizer que tomo conta de um idoso e assim fico bem na fotografia.

(Termina voz off)

Esta profissão permite-nos ter uma vida digna e só pedimos que nos respeitem e nos deixem trabalhar.

Mas para que isso aconteça é preciso legislar o trabalho sexual.

É urgente a criação de um modelo que vise a descriminalização do trabalho sexual e legitimação como profissão. Parece um cliché, mas não é.

Porque este limbo em que se encontra a lei só nos prejudica e estigmatiza. Faz recair sobre nós mais violência e põe-nos ainda mais em risco.

Mas chega de conversa. Já estou pronta.

Apenas queremos trabalhar e viver a vida sem julgamentos, tal como todos.

Vivemos num mundo desequilibrado, mas todos ocupamos um lugar. O lugar que nos foi destinado. E cabe a cada um de nós saber tirar partido daquilo que recebeu.

(Voz off)

Já se viram ao espelho hoje?

Laura Porto

REINO DA EXTINCIÓN

KIÁLIAC.- Mirai! Mirai! AUUUUUUUU PA PA PA...
Volveron! Os que miran!

FERNANDO.- Coma sempre.

KIÁLIAC.- Sempre entran cando andamos nesta lea.

FERNANDO.- Xa.

BERENGUELA.- Por que hai máis cartas ca persoas?
Non o entendo.

FERNANDO.- Que vas entender ti...

KIÁLIAC.- Poderían entrar antes, ou entrar despois...
Pero entran cando andamos nesta lea... Como se esta lea tivese algo que ver...

BERENGUELA.- Que máis dá... A min tanto me ten...
Xa non o aturo máis. Que sentido ten perder o tempo nisto?

FERNANDO.- Ai o sentidiño... Claro, éche tan espelida,
ela, que non pode facer nada sen sentido.

BERENGUELA.- Eu só digo que podíamos facer outras
cousas en vez de aborrecer coas cartiñas!

FERNANDO.- Porque aquí hai moitísimas cousas que
facer...

BERENGUELA.- Eu só digo que xa estou farta de
perder o tempo.

KIÁLIAC.- Se o pensas... É un pouco atrevido falar do
uso do tempo, na nosa situación...

FERNANDO.- Ti non entendes a importancia disto...

BERENGUELA.- Entendes ti, que non che dá a
intelixencia nin para gañar á mariola! De calquera xeito... Isto
non ten sentido.

FERNANDO.- Xa tes anos dabondo para saber vivir sen
sentido, momia do carallo.

BERENGUELA.- A miña idade non é asunto teu.
Alguén da túa laia non pode falar así a unha dama!

FERNANDO.- Vella! Vellouqueira! Vas tan vella que xa
/ podreceches!

BERENGUELA *bátelle*.

BERENGUELA.- VERGONZA! VERGONZA DA
TÚA CASTE! COMO OUSAS FALAR ASÍ A UNHA DAMA.
VERGONZA!

FERNANDO *acurrálaa*.

FERNANDO.- Aquí xa non che hai damas nin vasalos.
Demasiado tarde para esas leas, non cres?

BERENGUELA.- COMO TE ATREVES A BATERLLE A
UNHA MULLER! SOCORRO!

FERNANDO.- Non che estou a bater, caguiñas. Se che estivese a bater... Xa o saberías. Entendes? Eu xa non vou abaixar a cabeza perante ningunha cortesá. Xa tiven abondo! PODER PARA O POBO!

BERENGUELA.- CELTIA, POR DEUS FAI, ALGO!

KIÁLIAC.- Seguro que a Celtia lle encantaría coller a ese paspán e... Pórlle o de dentro mirando para fóra! RA! Por desgraza para ti, eu chámome Kiáliac, e... Non. Non vexo a ningún máis, aquí. CELTIA? Non, nada, non está. Que mágoa...

BERENGUELA.- Xuro por Deus, e polo apóstolo Santiago, que cando isto remate seredes castigados polo Altísimo.

KIÁLIAC.- Vas con algo de atraso, Berenguela.

FERNANDO.- Iso desde que naceu!

KIÁLIAC.- E ti es un pouco chocalleiro. Non sei eu se haberá tal xuízo. Sóltaa ho, que a vas mancar.

FERNANDO.- Ela mancoume a min, cando me arreou a hostia!

KIÁLIAC.- Cando vén a xente que mira sempre te pos moi agresivo, Fernando. Ninguén precisa das túas exhibicións de castrón quente. Sóltaa.

FERNANDO.- E que me vas facer se non a solto?

KIÁLIAC.- Pórche os intestinos ao sol! Ata que queden... Así... Ben sequiños.

KIÁLIAC fai unha danza de guerra. FERNANDO solta a BERENGUELA.

FERNANDO.- De verdade intimidabas aos inimigos con ese baile? Non marcharían porque lles dabas vergoña?

BERENGUELA.- Servídeme viño, por favor, que me quedou a gorxa seca.

FERNANDO.- Sírveo ti, que tes mans, maldita lacazana. Langrana do carallo.

KIÁLIAC.- Xa non queda viño... Bebéstelo todo! Os do futuro sodes uns alcólicos de coidado.

FERNANDO.- Non comeces ti, agora. ALGUÉN! VIÑO E XAMÓN!

Aparece viño e un prato de xamón, que FERNANDO mastiga e cuspe.

BERENGUELA.- Que noxo das...

KIÁLIAC.- Creo que escoito pasos.

FERNANDO.- Eu creo que queres distraerme para que non lle zoupe á infanzona.

KIÁLIAC.- Non. Escoito pasos.

BERENGUELA.- Será unha das túas alucinacións primitivas.

KIÁLIAC.- Que non, que escoito pasos, burráns.

FERNANDO.- Eu non escoito un carallo, pero estaría ben. Gustárame que viñese... Un igual. Con tanta cona non hai quen aguante.

BERENGUELA.- Canta vulgaridade. Nunca che van traer un home. Gostas deles demasiado!

FERNANDO.- Que acabas de dicir? QUE ACABAS DE DICIR!

KIÁLIAC.- Que a ti... Gústache... ÑAC ÑAC ÑAC ÑAC ÑAC ÑAC ÑAC ÑAC

FERNANDO.- Meu deus... Que fixen eu para que me puxeses aquí con estas porcás?

BERENGUELA.- Seguramente ser un... Un pouco... Apaiolado, desculpa pola palabra. Que desaforo!

FERNANDO.- QUERES VOLVER A EMPEZAR!?

KIÁLIAC.- Sodes uns brutáns... E logo dicides que a incivilizada son eu. Nos meus tempos non se andaba con estas parvadas. Se zoscabas, matabas. De vez, sen parvadiñas! ALGUÉN! Trae máis viño, que a estas bestas non hai quen as ature!

Aparece unha botella de viño. KIÁLIAC destápa a boca e bebe.

FERNANDO.- Pastrana! Que por aí bebemos todos!

KIÁLIAC.- Pois non bebas se non queres, que xa bebiches abondo! BU!

BERENGUELA.- Ei! Escoito pasos! Son fortes!

FERNANDO.- Pois eu non escoito nada.

BERENGUELA.- Será que amais de... Limitado... Tamén es xordo...

FERNANDO.- Polo menos eu non imaxino cousas que non suceden... Non sei se ves onde quero chegar... Tururú.

KIÁLIAC.- Vós rifade... Rifade! Que ides estar sempre aquí, igualmente.

BERENGUELA.- E ogallá saber por que, se eu non fixen nada malo na vida.

FERNANDO.- Pois mira, en algo coincidimos.

BERENGUELA.- Cala a boca e axúdame a cubrir o taboleiro!

KIÁLIAC.- Agora resulta que a lea esa é un segredo?

BERENGUELA.- Calade a boca e axudádeme.

SARA.- (*Aínda desde fóra*) Ola? Ola? Hai alguén? É por aquí?

KIÁLIAC.- Que ben! Ola!

FERNANDO.- Non sei por que te alegras tanto de que sexa outra poldra...

KIÁLIAC.- Porque aturar a outro POLDRO, se é coma ti... Igual me mete empacho.

BERENGUELA.- Ves como había pasos?

FERNANDO.- Eu non sei por que Deus me castiga así. De verdade que non.

BERENGUELA.- É por aquí, querida! Camiña cara á luz!

KIÁLIAC.- Cara á luz! E se ves unha pita do monte polo camiño... Apáña a e tráema, que as boto en falta!

BERENGUELA.- Es unha primitiva, Celtia. Pensas que é momento de procurarte un animal de estimación? Compórtate, que hai que dar boa impresión!

KIÁLIAC.- Seguro que a pobre Celtia estará moi ofendida... Moi ofendida polo constante menosprezo!... QUE SORTE TEÑO DE NON SER CELTIA!

SARA.- Ola.

FERNANDO.- Ola.

SARA.- Eu son Sara.

BERENGUELA.- Ola Sara!

SARA.- Estou morta? Porque teño a sensación... Así... Como de morte metida no corpo.

KIÁLIAC.- Disque.

SARA.- Este sitio é... Unha movida! Nunca o imaxinara así. Polo camiño había/

KIÁLIAC.- Viches as pitas do monte? E os osos pardos?

SARA.- Non sei, había unhas choias... rarísimas! Ninguén da vida lle atinou ao describir a morte, a verdade. Isto que é exactamente?

FERNANDO.- Ogallá sabelo, touriña...

SARA.- Toura serás ti, perdoa. Vós quen sodes?

KIÁLIAC.- Eu son Kiáliac, da Prehistoria. Benvida ao Alén, ao Reino da Extinción, ao lugar no que todo se esgot/

FERNANDO.- Eu son Fernando, nacido en Muxía en 1703. Ti coma na casa. Que remedio mecagotal!

SARA.- Eu non che fixen nada.

FERNANDO.- O carallo vintenove...

BERENGUELA.- Ignórao querida, é o mellor que se pode facer cos da súa caste. Eu son dona Berenguela, de Redondela. Século XIII. Ti de cando es?

SARA.- Eu veñ/

BERENGUELA.- En caso de necesitar calquera cousiña que mellore a túa estancia, sempre podes recorrer a min.

SARA.- Pois a verdade é que cunha viaxe tan movida viríame ben... Pasas? Ou sabes de quen pase?

BERENGUELA.- Non, muller, pasa ti, que vés de fóra.

SARA.- Non, non me entendiches... quero dicir que se... "pasas"?

BERENGUELA.- Non é nada educado pasar unha antes de que pase a recén chegada, e eu son unha dama, como podes ver. Así que pasa ti, fai favor, e logo xa paso eu.

SARA.- A ver, que o que quero dicir é... Se pasas porros!

BERENGUELA.- Se paso porros? Queres dicir... Se paso porros polo limiar, cara aquí?

SARA.- Si!

BERENGUELA.- Pois verás, malia que os porros son máis... "elegantes", eu non simpatizo demasiado coas cousas francesas, e por iso sempre preferín ás súas irmás, as cebolas. Máis pobres pero máis deliciosas. A única cousa pobre que non

me produce arrepiós. De calquera xeito, querida, aquí non é necesario pasar nada por ningures, tan só tes que llo pedir a Alguén!

SARA.- Pensaba que iso era o que estaba a facer, pedirlo a alguén. En fin, tanto da... Mimadriña, eu pensaba que antes necesitaba un porro... Agora si que necesito un porro...

BERENGUELA.- Non comprendo a túa obsesión con esa aliícea francesa. Non serás unha desas persoas que só se alimentan de plantas!

SARA.- Entón... Por algún motivo... Tocoume o Inferno, non si?!

KIÁLIAC.- Nunca se sabe de todo. Ás veces parece. Pero vaíamos ao gran. Ti de cando vés?

SARA.- Mólame o teu pelexo, que mona. Ese make-up está guapísimo. Ti es celta, non?

KIÁLIAC.- MONA SERÁ A TÚA AVOA. Se me volves chamar ISO... Vouche deixar esa cara bonita que traes feita un caracol.

SARA.- Tranquila! No meu tempo dise monas das cousas que son bonitas.

KIÁLIAC.- Dícíao... Polo outro.

SARA.- O que?

KIÁLIAC.- O outro que dixeches.

SARA.- O de celta? Tes un nome moi raro e viviches hai moito tempo... Se viviches en Galicia tes que ser unha celta.

KIÁLIAC.- E ti tes que ter o cerebro atrofiado! De comer tanto porro! Eu non coñezo Galicia ningunha nin son

ISO! Tes papeis? Tes documentos que proben a túa tese? Pois cala a boquiña, bonitiña.

BERENGUELA.- Tranquila, Sara. Celtia ten moi mal pronto porque nunca aprendeu a vivir en sociedade. Pero é unha primitiva inofensiva.

KIÁLIAC.- Saberás moito ti da sociedade, millonaria do carallo! Lambebotas!

BERENGUELA.- Queres que lle pidamos algo a Alguén... para que poidas cubrirte? Non adoita mandar ese tipo de cousas, pero quizais poida facer unha excepción.

SARA.- Non, grazas, vai algo de fresco aquí, a verdade. É raro. Pero estou ben.

BERENGUELA.- É que verás... Non quero incomodarte... Seguro que foi unha viaxe axitada e... Igual non te decataches pero... Vas en...

SARA.- Perdoa?

BERENGUELA.- Non, non, perdoa ti. É que igual no teu tempo teñen outro nome, e claro, non me entendes. O que quero dicir é que... Vas en roupa interior! Masculina!

SARA.- Isto? Son vaqueiros. Estes están á última moda, e aínda me valeron pasta. Teñen filtros de aire.

KIÁLIAC.- Que?

FERNANDO.- Iso da pasta non é o que comen os chineses?

BERENGUELA.- Ti o dixeches, vaqueiros... Pois o que digo, querida, é que se se chaman vaqueiros é mellor empregalos só para ir ás vacas, non cres?

SARA.- Mira... Non está ben meterse coa roupa da xente. Ti levas hijab e eu non che dixen nada, malia que me dá curiosidade.

BERENGUELA.- O que?

SARA.- O pano que levas na cabeza.

BERENGUELA.- Unha boa muller cristiá debe cubrir o cabelo cando atopa un marido e deixa de ser doncela.

SARA.- Non, que va, o hijab lévano as musulmás.

BERENGUELA.- Estásme a chamar moura?

SARA.- Digo que ese pano que levas na cabeza non o levan as mulleres cristiás.

BERENGUELA.- Volve chamarme moura e encárgome de que a Celtia te mande de volta á vida dun sopapazo.

KIÁLIAC.- A min non me meter, que non son cadela túa ningunha!

SARA.- Tía, non é para pórse así... Quen hostia pensas que es?

BERENGUELA.- Eu son dona Berenguela, e penso que aínda non temos confianza como para que poidas considerarme a túa tía. Mais xa chegaremos alá, querida, que remedio...

FERNANDO.- “Dona Berenguela”! Esta porca é unha vulgar infanzona que se cre princesa.

BERENGUELA.- Mais xamais unha morta de fame coma ti.

SARA.- Hai unha marca de queixo que se chama Berenguela. E a campá, claro. A min non me gusta pero miña nai sempre o merca. Sabe a plástico. Puxéronlle o nome á campá por ti?

BERENGUELA.- Que campá?

FERNANDO.- Que é o plástico?

SARA.- Dá igual. Onde están o resto?

FERNANDO.- Que é o plástico?

SARA.- É unha movida, tío, dá igual. Estamos as catro soas, aquí? Quero coñecer ao resto.

BERENGUELA.- Hai unha campá que se chama coma min?

KIÁLIAC.- Agora xa hai tantas cartas como persoas!

SARA.- Que?

FERNANDO.- QUE É O PLÁSTICO

SARA.- Hai xente aí que nos mira. Quen é esa xente? Están mortas?

KIÁLIAC.- Non sabemos... Ás veces veñen... e miran. E cando miran pasan cousas. De que ano vés?

SARA.- É raro. Se estamos mortas... Por que hai xente a mirar? O ta... E dis que só veñen ás veces? E o limiar... Nunca intentastes cruzalo de volta?

KIÁLIAC.- DE QUE ANO VÉS?

BERENGUELA.- Non a presiones! Podes contarme máis desa campá que se chama coma min?

KIÁLÍAC.- É máis importante saber o ano!

BERENGUELA.- Que máis che dá sabelo hoxe ou mañá, acaso vas marchar?

FERNANDO.- Que che pasa, Berenguela? Tes medo de que no futuro Portugal siga a ser independente?

BERENGUELA.- Que parvada. Os irmáns portugueses cometeron un erro, foi un enfado tonto. Pero coa familia sempre se arranxan as cousas.

FERNANDO.- Pois no meu tempo seguían sen arranxarse.

BERENGUELA.- Ti es un langrán e un mentireiro.

SARA.- No teu tempo Portugal era de España, Berenguela?

BERENGUELA.- Que é España? Nunca escoitei esa palabra.

SARA.- España é o país do que veño.

BERENGUELA.- Ah, como o Fernando. Eu non sei dese lugar. Eu nacín no grande Reino de Galicia. Non sei como puideron mandar dous españois ao noso Alén. É algo que terei que falar co Altísimo, cando me reciba.

FERNANDO.- EU NON SON ESPAÑOL.

KIÁLÍAC.- Eu non son galega...

BERENGUELA.- Ti cala.

SARA.- Onde están o resto das persoas mortas? Quero coñecelas.

BERENGUELA.- Entón... Os irmáns portugueses aínda non entraron en razón, no teu tempo?

SARA.- Eu non entendo desas cousas de política... Por que non hai ninguén máis aquí, se todos os días morren millóns de persoas? Por que estamos soas? E por que nos mira esa xente de aí? Que é isto? É para ver se podemos ir ao ceo?

FERNANDO.- Non o sabemos, non temos idea. Mais non digas soAs, porque non sodes todo mozas! A min non se me trata de moza.

BERENGUELA.- Desculpa a Fernando, sente unha paixón excesiva e non recoñecida por todo o masculino. Entón, es unha... española... Pero entón... Trabucáronse ao mandarte, porque este lugar é só para galegas. Deus non debería cometer ese tipo de erros.

SARA.- Veño de Galicia. Pero Galicia está en España.

BERENGUELA.- Que cousas tes, iso é imposible.

SARA.- Galicia é unha rexión de España.

BERENGUELA.- Iso non é posible. O de Galicia é o máis poderoso dos Reinos occidentais.

FERNANDO.- E dálle. Levo tres séculos a dicirche que o Reino de Galicia xa non existe. Supérao dunha vez, princesiña subnormal!

BERENGUELA.- Cala a boca, fai favor. Que ti non sabes nada do mundo, que es un accidente do Señor. Que vas saber ti!

FERNANDO.- Cala a boca ti, fodecabalos. De puro sangue, pero cabalos. Noxenta. A ver, Sara, entón de que ano vés?

SARA.- 2048.

FERNANDO.- Mólloche o biscoito! Eu nacín en 1703. /
Pasabamos fame

KIÁLIAC.- Uf.. CALA BARDALLEIRO. 2048?

SARA.- 2048.

KIÁLIAC.- Iso é... Moitísimo tempo. Levo aquí...
Alomenos unha chea de tempo.

SARA.- De cando vés ti?

KIÁLIAC.- Non sei. Antes da Historia. Din estes, que
antes da Historia. Eu diso non sei.

SARA.- Supoño que levarás aquí... 3000 anos ou así.

KIÁLIAC.- Como o sabes?

SARA.- Facendo contas. Ti es máis ou menos de cando
os celtas, así/ que...

KIÁLIAC.- Non te atrevas.

BERENGUELA.- Contas... Sumas e restas, non? Sempre
me deron curiosidade, pero meu pai non quería que aprendese
 cousas mouras. Debes vir dunha familia moi poderosa, se che
aprenderon sumas e restas.

KIÁLIAC.- 3000 anos é moito tempo?

SARA.- Si. Esa xente. A que mira, está sempre? Levan a
vir dende o comezo?

BERENGUELA.- Xa cho dixemos: ás veces veñen,
quedan un anaco e marchan. Observan. Nunca falan. Sempre
entran cando.../ Non sabemos por que veñen. Non parece que
sexan os mesmos, pero ás veces repítese algún. Iso é todo o que
sabemos.

SARA.- Sabedes se están vivas ou mortas?

KIÁLIAC.- Sería raro que fosen vivos, non? Por que ían
querer, unha xente viva, mirarnos a nós! Terían que... Iso sería
como... Ir cagar ao tronco da Deusa! Vas ao tronco da deusa e
pffrrr. Por que ía un vivo facer iso? As consecuencias serían
terribles...

SARA.- Que sexan mortas tampouco me parece normal.
Non sei. Nin idea. Tedes algo de beber? Creo que me viría ben
beber. Alcol, digo. Xa que non hai outra cousa...

KIÁLIAC.- Si, claro. Alguén nos manda bebida. Non
nos manda outra cousa, pero algo é algo. Eu boto en falta os
fungos do centeo tanto coma ti os porros, pero o viño está ben.

SARA.- Seguro que están ricos, os fungos de centeo
eses. Pero eu, cando pedía porros... Os porros non son comida,
hai unha... cousa... que se chama así, e... Fúmase e... Dá
relaxación. Non é comida.

KIÁLIAC.- Xa me decatei, novata. Vivín hai moito, mais
non son parva. Os fungos de centeo tampouco non son comida.

SARA.- E que fan os fungos eses?

KIÁLIAC.- Permítenche falar coa deusa. É curioso.
Creo que na terra da que vimos é moi tradicional chamarlles
ás substancias sagradas con nomes de comida. Porro, fariña,
fungo de centeo, cabalo... Non sei por que, pero é curioso.

SARA.- Pava... Ti comías cabalos?

KIÁLIAC.- Escufinosa! Supoño que na terra da que
vimos a xente ten unha relación estraña coa comida.

BERENGUELA.- PRIMITIVA! Por fin recoñeches que
ti tamén vés de Galicia.

KIÁLIAC.- Diso nada. Eu veño dun sitio que estaba no mesmo sitio pero que non é ese sitio. Entendes? Os sitios non son os mesmos sitios durante todo o tempo. Están uns por riba doutros.

FERNANDO.- Viciosas... Sodes unhas viciosas! No futuro como no pasado cagontal! ALGUÉN. Manda viño e queixo!

Aparecen unha botella de viño e un queixo.

BERENGUELA.- Xa abonda, Fernando. Os mortos non comen.

FERNANDO.- Ninguén nos prohibe encher a boca, non si?

BERENGUELA.- Dá moito noxo iso que fas de mastigar e cuspir.

FERNANDO.- O teu noxo é problema teu, non meu. Con que queres que corte o queixo, ALGUÉN? Queres que o corte co carallo?

BERENGUELA.- Que excesivo...

KIÁLIAC.- Xa che gustaría a ti pór o carallo nalgures.

SARA.- Eu prefiro unhas patacas fritidas, a verdade.

KIÁLIAC.- Pois pídeas, pídeas. Xa vas ver...

SARA.- Alguén, unhas patacas fritidas.

Aparecen patacas fritidas.

FERNANDO.- Tan pobres estades no futuro que tedes que comer patacas?

SARA.- As patacas molan! Son o mellor que hai na vida. Oes. Esta movida de pedir as cousas que queiramos e que nolas manden... Está guapísimo. Quen é Alguén? É Deus?

FERNANDO.- Non sabemos. Ti pides e Alguén dá. É o único bo que ten este sitio.

KIÁLIAC.- Tamén sabe pór música. Gústame a música, pero sempre pon a mesma. ALGUÉN PON MÚSICA!

Soa a canción portuguesa.

FERNANDO.- Quita, hostia, quita! Putos portugueses.

KIÁLIAC.- TRRRRRRRR PA Ves? A mesma de sempre. Outra persoa acabaría ata a conacha de escoitar SEMPRE a mesma canción, pero a min gústame a música. No meu tempo aprendín a facer música nun corno con buratos. Foi un achado revolucionario.

SARA.- Ah...

FERNANDO.- Entón! No futuro estades tan pobres que só podedes comer patacas?

SARA.- Todo o mundo come patacas. Porque son ricas. Son un auténtico *guilty pleasure*. Dan igual os cartos.

BERENGUELA.- Que é *quiti pesu*?

FERNANDO.- Que noxo! Xa non queda nin dignidade...

KIÁLIAC.- Que son as patacas, exactamente?

BERENGUELA.- O teu noxo é problema teu, non si Fernando?

FERNANDO.- As patacas son unha cousa... noxenta. Deforme. Saen debaixo da terra, trouxéronas de América, e comíano os primitivos da alá, seica de xeito sagrado ou algo así, cousas de tribos. Moi noxento, así como un furúnculo. Nós dabamosllo aos bois para cebalos, porque non vai comer unha persoa cristiá o mesmo ca un indio. E un día... Os Borbóns do carallo eses... Querían que a xente comese patacas! Dician que se comiamos patacas nos ían quitar a fame. Cago ata na cona da santa virghe. A fame quitábasenos se nos deixaran de roubar, eses desgraciados... E na casa dixo meu pai: se hai que morrer, mórrese. Antes morrer que obedecer a un borbón.

KIÁLIAC.- Existe unha estupidez meirande que morrer de fame por non querer comer algo comestible? E POR MOTIVOS TRIBALISTAS!

FERNANDO.- Eu non morrín de fame.

KIÁLIAC.- Claro!

SARA.- Tribalistas! A miña nai encántalle ese grupo.

BERENGUELA.- Que grupo?

SARA.- Tribalistas.

KIÁLIAC.- Tribalismo é cando pensas que es mellor que outra persoa porque ela é doutra tribo.

SARA.- Creo que o nome diso é racismo.

KIÁLIAC.- Non ho! Chámase ser tribalista, porque pensas que a túa tribo é máis lista.

SARA.- Non. Dise racismo.

KIÁLIAC.- Como queiras, a min tanto me ten como lle chames, o caso é que o paduán este morreu de fame por tribalista.

FERNANDO.- Eu non morrín de fame! Morrín devorado por unha cacho grilo de balea branca mentres choiaba en alta mar!

KIÁLIAC.- Xa ho... E logo cagoute, non si?

SARA come patacas, tenta tragar pero atragántase e cuspe.

SARA.- Por que podemos beber pero non comer?

BERENGUELA.- Porque estamos mortas, querida.

SARA.- E por que podemos beber?

KIÁLIAC.- Porque o alcol une a morte e a vida a través do sangue.

SARA.- Pero nós non temos sangue, non?

KIÁLIAC.- Canto saber se perdeu nos últimos milenios, se nin sequera sabedes que as froitas fermentadas unen a vida e a morte polo sangue...

SARA.- Pois, a / verdade

FERNANDO.- Deixa de preguntar, chavala, que xa terás tempo de ir averiguando.

SARA.- Nin que che preguntara a ti.

KIÁLIAC.- Podíamos ver se ela sabe enca/

BERENGUELA.- Cala. E que tal, Sara, que che vai parecendo isto?

SARA.- Raro. Creo que hai moitas cousas que non encaixan... Algunha vez intentastes falar coa xente esa que mira?

KIÁLIAC.- Xa falaremos diso logo. Por que non vas explorar un pouco o territorio? Semella pequeno mais inda ten recunchos dabondo. (A Berenguela) Por que non lle queres dicir o das cartas?

BERENGUELA.- Non sabemos se é de fiar.

KIÁLIAC.- A quen lle importa iso agora?

BERENGUELA.- No teu tempo non comprendiades a importancia da honra. Non se pode dar unha información confidencial a alguén que non sabes se é de fiar.

KIÁLIAC.- Que confidencial? Só son uns símbolos! É do futuro, non pensaches que pode ser que coñeza os símbolos?

BERENGUELA.- E se os usa para o mal?

KIÁLIAC.- Que mal?

BERENGUELA.- Non lle imos contar o das cartas a alguén que non é de fiar.

KIÁLIAC.- Eu serei de antes da Historia, e unha primitiva, e todo iso que dicides, pero estou segura de que esas cartas son o único que pode sacarnos de aquí. Non sei por que, pero seino.

FERNANDO.- Eu estou coa infanzona. Non se lle poden contar esas cousas sen ser de fiar.

KIÁLIAC.- E como imos saber iso?

BERENGUELA.- Eu creo que non é. É moi rara. Vistes como vai vestida?

FERNANDO.- Si, moi rara. Non sei de onde a trouxeron pero galega non che é.

KIÁLIAC.- Moito pelexar pero sodes tal para cual, coma o cu e a merda. Noxentos.

SARA.- Que dicides?

FERNANDO.- Nada

SARA.- Estabades a falar.

BERENGUELA.- Non.

SARA.- Falabades de min? Iso está mal.

BERENGUELA.- Que va, querida, eran cousiñas nosas... Que tal o teu paseo polo noso recunchiño?

SARA.- Bastante impresionante. Si que engana. É moito máis grande do que parece. É como se... como se o espazo se expandise indefinidamente? Nin sequera sei se iso ten sentido.

KIÁLIAC.- É lista. Eu creo que haberíamos de llo dicir.

SARA.- O que?

FERNANDO.- Que... que... Estamos moi contentos de que viñeras e... estamos desexando compartir a eternidade contigo.

SARA.- Grazas, pero pareceume esc/

BERENGUELA.- Oes Sara, que che parece se che canto unha canción? Sabes que eu era cantante, no meu tempo?

KIÁLÍAC.- Xa empezamos coas malditas cancións.
ARGH AS TÚAS CANCIÓNS SON ABURRIDAS. QUERES
UNHA CANCIÓN ARGHANA ARGHANA AR NON O ATURO.

FERNANDO.- Veña Berenguela... Canta algo para que
te ouza a nova.

BERENGUELA.- Mellor non, que xa ves como se pon a
primitiva.

SARA.- A min gustaríame escoitarte. Seguro que mola
como cantan as pavas do teu tempo... De que século eras?

BERENGUELA.- Nacín en 1289 e morrín en 1311.

SARA.- Morreches con 22 anos... Seguro que daquela
iso era xa... Ser bastante vella.

BERENGUELA.- Diso nada, querida, eu era
praticamente unha nena cando morrín. Estaba na flor da vida!
Na flor da vida! Só tiña un fillo aínda... E conservaba case toda
a dentamenta!

SARA.- Que dis tía! Se non che falta ningún dente.

BERENGUELA.- É que aquí non nos vemos como
somos querida... Temos a beleza coa que soñamos na vida.

SARA.- E entón... Por que ela é... Así?

KIÁLÍAC.- OES, que eu non teño culpa de que no teu
tempo non teñades gusto ningún! Basta de presión estética!

FERNANDO.- Xa estamos coa primitiva filosofante...

SARA.- E era moi común que as mulleres cantasen no
teu tempo?

BERENGUELA.- Querida, as mulleres, de sempre,
podemos facer o que queiramos... Mentres fagamos pensar aos
homes que son eles os que o deciden.

SARA.- Aí falaches! Choca aí!

BERENGUELA.- Que?

SARA.- Xestos do futuro. Para celebrar, faise así. Eu
poño a man e ti das unha palmada coa túa man na miña. Choca
aí!

FERNANDO.- A ver! Vas cantar ou pensas pasar cen
anos xogando ás palmas, mecagontal?

BERENGUELA.- Non, non canto. Dáme vergonza.

FERNANDO.- Xa está esta a facerse de rogar.

BERENGUELA.- Non vou cantar

SARA.- Que hai aí? Na mesa. Hai algo debaixo da lousa.

FERNANDO.- Non. Que va.

BERENGUELA.-

Estando na ermida de San Simón
cercaron-mi-as ondas que grandes son.
Esperand'ó meu amigo...

Estando na ermida, ant' o altar,
cercaron-mi-as ondas grandes do mar.
Esperand'ó meu amigo!

E cercaron-mi-as ondas que grandes son:
non teño barqueiro nen remador.
Esperand'ó meu amigo!

E cercaron-mi-as ondas do alto mar:
non teño barqueiro nen sei remar.
Esperand'ó meu amigo!

Non teño barqueiro nen remador:
morrerei fermosa, no mar maior.
Esperand'ó meu amigo!

Non teño barqueiro nen sei remar:
morrerei fermosa no alto mar.
Esperand'ó meu amigo!

KIÁLIAC.- O que eu dicía. Aburrida!

BERENGUELA.- Fíxenme famosa despois da miña morte?

SARA.- Depende. É túa?

BERENGUELA.- Si, claro. Compúxena un día de gran dor e incertidume para a miña vida. Eu estaba moi namorada dun home... E el prometeume que ía casar comigo e... Eu crino... E... Xa tiña quince anos sabes? Estaba a facerme moi vella para casar. Era o momento de cubrir o cabelo. E o meu pai atopárame un pretendente... Inglés! Imaxinas que horror? Así que crin nel... Entregueille a miña doncelez, e el non lle daba pedido a man a meu pai... A anguria fíxome saír esa canción... Todo estaba perdido... Pero ao final todo foi ben, e casamos, e fomos moi, moi felices.

SARA.- Ah, pois esa cantiga é moi importante, no meu tempo. Eu non sei nada desas cousas, pero esa coñézoa.

KIÁLIAC.- Vaia! Pois se esa é importante, non me quero imaxinar as que non sexan unha... PRRR PRRR CACACACACACA CACA!

SARA.- Non sei, xa vos digo que eu non sei desas cousas. Eu son mecánica. O meu rollo son os coches. Pero... Ninguén te coñece no futuro. Non existes.

BERENGUELA.- Iso non é posible. Eu son a compositora de grandísimas cancións como: Na ermida de San Simón, esa xa a escoitaches... Non sei por que... agora non lembro as outras. Pero como non vou existir eu se existe a miña canción? A canción tivo que facela alguén!

SARA.- A ver, neste caso estou contigo a tope. A min pásanme SEMPRE merdas así. Veñen os pavos ao taller, arránxolles nos carros merdas que é un milagre que lles arranxe, e logo dinme “dille a teu pai que é un mecánico de puta nai, chorba”, e eu en plan “arranxeicho eu, puto animal” e encétanse todos cando EU... En fin. Que me quento. Créote totalmente, a canción é túa. Só que no futuro ninguén o lembra. Porque alguén dixo nalgún momento que a canción a fixo un fulano. E o fulano dixo: “non é para tanto, é unha confusión inocente, PARA QUE NOS IMOS RAIAR”.

FERNANDO.- E por que ía facer un home unha canción que fala doutro home, amado, que o deixa chantado no altar? Iso non sería pecado? Un pecado moi grande. DO COMEZO AO FIN, TODO PECADO.

KIÁLIAC.- Fernando... Pequeno... Aínda non estás preparado para falar ese tema...

BERENGUELA.- Non sei se entendín todo o que dixeches... A quen foron atribuídas as miñas cancións?

SARA.- A un tal Mendinho.

BERENGUELA.- AH

SARA.- Coñecíalo.

BERENGUELA.- O que faltaba por saír.

FERNANDO.- No fondo xa dicía eu que esas cancións túas eran moi bonitas para telas feito unha mu/lлер...

KIÁLIAC.- CALA XA, FERNANDO! POR UNHA VEZ QUE HAI EMOCIÓN NESTA TOBEIRA!

BERENGUELA.- Estás segura de que o nome é ese, Sara?

SARA.- Si, bastante. Se me preguntas doutro pois, mira, nin idea, porque xa che digo que a min ese rollo non me vai. Pero ese seino porque hai unha marca de viño que se chama así: Mendinho. Está a adega preto da casa de meus avós. E o viño vaime máis que a poesía!

BERENGUELA.- Mendinho.

SARA.- Si.

BERENGUELA.- Normal que lle fixeran un viño. Castrón alcólico. Carallán! Moinante! MENTIREIRO.

FERNANDO.- Esa linguaxe! Non fales así dun literato tan grande!

BERENGUELA.- Por Deus... Vai tomar polo cu.

KIÁLIAC.- Seica á damiña se lle soltou a lingua, que andaba con ela agarrotada!

FERNANDO.- Hai que foderse coa fulana. Usurpas a autoría dunha canción tan famosa e aínda vas e te / cabreas!

BERENGUELA.- Pero ti que dis, se acabas de escoitar o nome de Mendinho por primeira vez na vida, analfabeto!

FERNANDO.- Un respecto, ladroa. Usurpadora.

KIÁLIAC *axeónllase detrás de FERNANDO e ulisca.*

FERNANDO.- Que fas, aborixe?

KIÁLIAC.- Estou a adiviñar se o burato de falar cho puxeron por aquí embaixo, porque o de cagar... Puxéroncho onde debía estar a boca. Que desafortunada confusión!

FERNANDO.- Que fixen agora? Pódese saber? Cagontal, faga o que faga está mal, sempre. Non hai quen vos ature. Tiña razón o cura da miña parroquia: el infierno es un lugar poblado de mujeres.

KIÁLIAC.- Ai, Fernando... Foi o Mendinho ese, o que lle roubou a Berenguela a súa canción!

FERNANDO.- Estouche seguro de que no futuro haberá MOITAS teorías ao respecto.

SARA.- Supérao dunha vez, machirulo!

FERNANDO.- Que é eso?

KIÁLIAC.- Que vas facer agora? Iso é unha falta grave. Eu, no meu tempo, buscaría ao fulano e cortaríalle a lingua, para que non poida dicir que a canción é súa. Iso é fundamental. E logo faría un colar. Claro que iso xa vai máis no gusto persoal. Coa lingua e mais cos collóns, faría eu o colar.

BERENGUELA.- QUE VOU FACER, CELTIA! Estou morta! Soa neste Alén apocalíptico rodeada de... Salvaxes! Atrapada na morte. Case mil anos sen saber nada dos meus seres amados. E agora cóntanme que ese desgraciado. Ese

canfurneiro vestido de veludo. Ese adúltero que me facía as beiras coa torpeza dun porco sen xamóns só me escoitaba para poder roubarme! Soterrarme na historia! EU AMEINO e EL SOTERROUME NESTE TOBO! ALGUÉN! BAIXA UNHA BOTELLA DO VIÑO ESE! QUERO SABER COMO SABE A MENTIRA.

Aparece unha botella de viño Mendinho.

SARA.- De puta nai! Ese viño é carísimo! Ou sexa, síntoo moito pero... Festaaa!

BERENGUELA.- Afástate! É O MEU DEBER MORRER CON ESE VELENO.

Berenguela abre a botella e bébea completa. Quita a cofia.

BERENGUELA.- Sabe igual ca el! Sabe a mentira, sabe a aldraxe. SABE A MEXO DE BURRA VENDIDO AO PREZO DO OURO!

SARA.- Pois eu se o compartise bebíao ben contenta. Podíamos facer unha boa festa.

BERENGUELA.- O viño que leva o seu nome sabe coma os seus bicos falsos e venenosos!

KIÁLIAC.- Eu estou coa nova. Compartir é de sabios.

BERENGUELA.- O seu viño sabe aos seus bicos porque ao moi noxento sempre lle sabía a boca a alcol barato...

KIÁLIAC.- Ela moi ben nunca estivo, pero agora quedou trastocada de todo.

BERENGUELA.- A ALCOL E A MENTIRAS.
Canfurneiro... Pensar que dei a vida por ti...

SARA.- Está claro. Se ela non sabía nada do seu destino, e eu si... Hai un motivo para que sexamos nós as que estamos aquí. Non podo crer que non volo preguntarades.

FERNANDO.- Preguntar preguntamos... Pero tanto preguntar cansa.

BERENGUELA.- Cercáronme as ondas do grande mar, non teño barqueiro nin teño nave.

SARA.- Levades séculos sufrindo. Iso cansa máis que preguntar.

FERNANDO.- Non vexo que ti, a esta, lle aliviaras o sufrimento.

SARA.- O alcol antes de desinfectar escoce, sabes?

KIÁLIAC.- Isto é así malia que non o entendas, e cando pasa un tempo acabas por aceptalo.

SARA.- Canto tempo?

KIÁLIAC.- Non sei, total...

SARA.- Estou segura de que aquí hai algo raro.

BERENGUELA.- Esperando meu amigo.

SARA.- ALGUÉN, dálle algo de bebida a Berenguela!

Aparece outra botella de Mendinho. Sara intercélptaa.

SARA.- Pero de que vas, Alguén!? Queres matala ou que!? Tráelle augardente! Sen marca!

Aparece unha botella de augardente.

SARA.- Toma, rapaza. Isto límpache a pena, de toda a vida.

BERENGUELA.- Se fose pena o que teño... Non sei remar... Non sei remar...

SARA.- Non podemos quedar aquí de brazos cruzados.

FERNANDO.- Non vale de nada. O que fagas dá igual. Non vale!

SARA.- Como o sabes?

FERNANDO.- PORQUE NON VALE.

SARA.- Ola? Xente que mira! Podedes escoitarme?

FERNANDO.- Eu non ouzo nada. Non hai nada!

SARA.- Dicide algo! Escoitades?

KIÁLIAC.- Que máis che dará se escoitan?

SARA.- Se me escoitades: estades vivas ou mortas?

KIÁLIAC.- É raro, teño a sensación como de que falan. Pero... Non se oe...

FERNANDO.- É así como un BOOOM BOOOOM.

SARA.- É coma se houbese unha especie de parede... aquí... Que mata o son. Non o notades?

FERNANDO.- Si... É como meterlle a man pola boca a un bacallau para destripalo.

KIÁLIAC.- Que dis! É como meterlle a man polo cu a unha pita de monte para...

SARA.- Foder... Sodes unhas putas psychos... É viscoso, vale? VISCOSO. Non é necesario facer comparacións.

FERNANDO.- Ai... Entón ti nunca destripaches unha besta, señorita do futuro?

SARA.- NON

FERNANDO.- Ah, e que comías, hostias ou herbas do chan? Porque haber hai xente para todo, non che digo eu que non...

SARA.- É inútil, non vou perder o tempo contigo. Credes que elas nos escoitarán?

FERNANDO.- Pensas que son parvo?

SARA.- ESCOITÁDESNOS?

FERNANDO.- Eh, a min non se me ignora!

SARA.- Non hai remedio...

FERNANDO.- Iso xa cho dixen eu, que non había remedio! Mira ti, a gran descubridora!

SARA.- Ten que haber outro xeito.

KIÁLIAC.- Fernando... Eu creo que debíamos dicirlllo.

FERNANDO.- TI CALA

SARA.- O que?

KIÁLIAC.- Hai unhas /cartas ...

FERNANDO.- Que cales, porca do carallo, me cago ata na virxe do Carme!

SARA.- Que?

FERNANDO.- NADA

SARA.- Non sei por que me ocultades cousas. Se estamos mortas, que máis dá... Pero se non estamos... O último que lembro antes de chegar aquí é correr polo monte super colocada, a noite da festa do albariño. Así que quen sabe. Igual estou morta. Igual estou flipando. Igual sodes o meu subconsciente a xogar comigo.

KIÁLIAC.- Empregas unhas palabras moi estrañas.

SARA.- E ti, seguro que ti non es celta? Por que ía inventarte a miña mente, se non es celta?

KIÁLIAC.- Non te atrevas! Non comeces!

SARA.- Por que che amola tanto que te chamen celta?

KIÁLIAC.- Eu... Non son... UNHA FODIDA CELTA!
Xúroche polo pan de landras que se me chamas celta unha vez máis métoche a cabeza por onde nunca dá o sol.

SARA.- E se non es celta por que os coñeces tan ben?
Porque seica os coñeces ben!

KIÁLIAC.- OS CELTAS! OS CELTAS... Os celtas.... Os celtas son os de fóra. Son os salvax/

FERNANDO.- Cala a boca Celtia!

KIÁLIAC.- EU NON ME CHAMO CELTIA.

KIÁLIAC tira a FERNANDO no chan e bátelle.

KIÁLIAC.- CHÁMOTE EU A TI BORBÓN? CHÁMOTE EU BORBÓN, A TI?

SARA.- Abonda, Kaili! Que o vas re-matar!

KIÁLIAC deixa a FERNANDO.

KIÁLIAC.- E agora chamádesme celta. A min!
Chamádesme celta, a min, coma se o pobo celta fose o meu pobo. Unha soa vez máis... E fúndovos co universo a hostias!

FERNANDO.- Non me digas? Mira, eu vouche dicir unha cousa, se a min me mandas calar coas miñas historias, pois cala ti tamén! Hostia! Cala!

SARA.- Se estou colocada... Non entendo por que a miña mente está a crear esta ilusión... Non mola nada. Que merda de viaxe. Necesito aug/

KIÁLIAC.- Estás morta, iso non ten arranxo, asegúrocho.

SARA.- Pois entón... Aquí hai truco. O Alén non pode ser isto só.

KIÁLIAC.- Berenguela, pásame a augardente!

FERNANDO.- A Berenguela quedou trasposta.

BERENGUELA.- Subnormal.

SARA.- Deberías beber algo de auga ti tamén,
Berenguela.

BERENGUELA.- Eu non quero auga...

*KIÁLIAC collee a botella de augardente a
BERENGUELA e bebe un bo grollo.*

BERENGUELA.- Dáme a miña bebida.

KIÁLIAC.- Voullo contar, dáme igual o que digades,
dáme igual. Ti non queres saír de aquí porque é mellor que o
teu mundo de merda, e a bēbeda do carallo, ten medo de que
o seu mundo non sexa o mellor. Pero isto non pode seguir así.
Non pode. Voullo contar, Fernando.

FERNANDO.- Non, non o vas facer!

KIÁLIAC inmobiliza a FERNANDO.

SARA.- Cántamo Kaili!

KIÁLIAC.-Antes de nada dicir que, malia que non sexa
o meu nome, gústame que me chames Kaili, a verdade. Non sei
por que, pero faime sentir rica e famosa, e cunhas nádegas...
Hai unhas cartas, con símbolos que non coñecemos e unhas
fendas para encaixalas baixo esta lousa. Non sabemos a orde, e
creo que se as ordenamos pasará algo. CREO QUE ISTO NON

É O ALÉN, QUE ESTAMOS NUNHA ESPECIE DE PROBA,
NO QUE HAI ANTES DE CHEGAR. XA PERDEMOS MOITO
TEMPO. OS NÓSOS ACTOS DECIDIRÁN SE MERECEMOS
DESCANSAR NO MONTE PINDO.

FERNANDO.- No Monte Pindo?

KIÁLIAC.- Solta! Tanto aprendestes no futuro... Mais
tamén o esqueceste todo.

SARA.- Entón... Isto é unha especie de gymkhana da
divinidade?

BERENGUELA.- O PURGATORIO!

FERNANDO.- Puta!

KIÁLIAC.- PORQUE TEÑO A CONA ASTUTA!

SARA.- Por que non mo dixestes antes?

FERNANDO.- Porque non es de fiar.

SARA.- E ti si? Moinante. Kaili, como se chamaba a túa
tribo? Por que sabiades esas cousas?

KIÁLIAC.- Non o sei, novata. As tribos non se nomean
a si mesmas, sabes? De calquera xeito... Xa non importa. Eses
cabróns borráronnos do mapa.

SARA.- A verdade é que todo o mundo flipa cos celtas.

KIÁLIAC.- Xa. Imaxinábao. Cando chega o invasor
sempre se sabe. Sábese aquí. No profundo do fondo. Se o teu
pobo sobrevivirá, ou se vai ser borrado para sempre.

FERNANDO.- Iso é verdade. Eu sempre o souben.
Cando chegou o Borbón. Sempre souben que Galicia íase librar
deles. Que algún día, no futuro, Galicia non terá rei.

KIÁLIAC.- Moito me temo que ti... Andas co sexto sentido atrofiado.

SARA.- Onde están as cartas? Fernando, onde metiches as cartas!?

FERNANDO.- No cu, ven buscalas.

SARA.- Onde están.

BERENGUELA.- Téñoas eu. E non queredes saber o que vos farei se me intentades buscar na saia.

KIÁLIAC.- Sodes un par de mulos...

FERNANDO.- Sara... Por favor, dime unha cousa. Preciso sabelo. Galicia, no futuro, ten rei?

SARA.- Galicia está en España. E España ten unha raíña.

FERNANDO.- Como que raíña? Morreron todos os homes que había por diante?

SARA.- Non había ningún home por diante. A raíña de España chámase/

BERENGUELA.- Pareceche peor que haxa unha muller raíña a que Galicia non sexa un Reino? E hai unha muller raíña, no futuro? Solteira?

SARA.- Non entendo por que estades a facer isto.

FERNANDO.- Fálame da raíña esa.

BERENGUELA.- Eu podería ter chegado a raíña. De Inglaterra. Pero non, fun parva.

SARA.- Necesito as cartas. Berenguela, dámas.

BERENGUELA.- Non, querida.

SARA.- Berenguela, xa abonda, deixa de beber un anaco, que morrer non morres, mais igual afogas. Non queres vingarte? Ver a Mendinho e vingarte?

BERENGUELA.- Non o verei. No Inferno hai un lugar reservado só para os homes coma el.

SARA.- Estaría ben poder comprobalo.

SARA rouba as cartas a BERENGUELA.

SARA.- Estou flipando.

KIÁLIAC.- Que! Sabes o que son?

SARA.- Sodes todas unhas analfabetas? De verdade?

FERNANDO.- SEN INSULTAR

SARA.- Non o digo como insulto... É unha pregunta.

BERENGUELA.- Que pasa?

SARA.- Un, dous, tres, catro.

BERENGUELA.- Que?

SARA.- Levades unha hora a putearme por non saber ordear unhas cartas que literalmente din 1, 2, 3 e 4!

FERNANDO.- Eu non sabía que se escribía así.

BERENGUELA.- Eu xa che dixen que meu pai non quería que aprendese símbolos mouros. Ler un pouquiño si, pero símbolos mouros non.

KIÁLÍAC.- Eu levo aquí... Milenios... E aínda non lle vin o sentido ao concepto de alfabeto...

SARA.- Vounas colocar nas fendas.

KIÁLÍAC.- Agarda. Se imos visitar á Deusa... Deberíamos botar uns bailes para celebralo.

SARA.- Veña, vai. Unha copíña e seguimos. No meu tempo celebramos todo bailando. E bebendo.

KIÁLÍAC.- No meu tamén!

FERNANDO.- Alguén! Saca viño!

Aparece unha botella de viño.

SARA.- Era mellor con whisky, ou así.

FERNANDO.- Vaiche boa, vaiche. O Alguén só manda viño e augardente, que pensabas? Estou de tanta uva... ata a pirola.

SARA.- Terá que valer. Pois, mirade, o que facemos no meu tempo é coller cadanseu vaso con bebida, pór música e bailar así... Pero cadaquen pode bailar como lle pete. E vas bebendo, vas enchendo, e así váiseche metendo a diversión. Pero agora só unha copa!

BERENGUELA.- En serio é esa a diversión do futuro?

SARA.- Veña, veña, xa veredes. Alguén! Pon música!

Soa a canción portuguesa. FERNANDO recupera as cartas e ocúltaas.

SARA.- ALGUÉN! BAIXA A MÚSICA. Kaili, ese baile existía no teu tempo?

KIÁLÍAC.- Claro. É unha danza clásica... De apareamento. Guapa.

FERNANDO.- Ai... Primitivos! Non precisan nin música para bailar! Lévana dentro! Igualiños ca os indios.

KIÁLÍAC.- Polo menos levo dentro algo máis que merda.

SARA.- Seguro que iso é unha danza do teu tempo?

KIÁLÍAC.- Mira, fermosa... Tes algún documento? Probas de que este baile non é do meu tempo? Non, verdade? Pois cala a boquiña... Bonitiña!

SARA.- Que decepción. Bailades todas súper raro. Eu agardaba que botásedes unha muiñeira ou así, algún baile do pasado.

FERNANDO E BERENGUELA.- Que é unha muiñeira?

SARA.- Un baile moi antigo que se bailaba polas noites, mentres se agardaba que acabase o muíño. Contoumo miña avoa.

FERNANDO.- Ai, si, carallo, o que me faltaba. Agora resulta que en vez de moer iamos ao muíño a bailar. Érache boa. Xa me gustaría a min que foses filla de meu pai, para que che cazase no muíño bailando en vez de traballar... Manda carallo na Habana coa tunda que ías levar. Se nin cantar nos deixaba...

SARA.- Seguro que coñecedes o baile, só que igual lle chamabades distinto. Évos así. Vedes?

BERENGUELA.- Que fas?

SARA.- Bailar a muiñeira.

KIÁLÍAC.- E por que parece un vello descalzo que pincha en area moi quente?

SARA.- Ide a merda! Sodes unhas antipáticas! Xa non vos aturo!

FERNANDO.- Manda carallo.

SARA.- O que?

FERNANDO.- En serio pensades, no teu tempo, que nós bailabamos iso? Para traballar no muíño?

SARA.- É un baile súper tradicional, se non o coñecedes é problema voso.

FERNANDO.- Parece case como se non fomos da mesma Galiza...

BERENGUELA.- Eu tamén teño esa sensación, moitas veces. Pero con esta moza máis que nunca, a verdade. De Galicia non parece. Dáme medo o futuro que nos agarda.

KIÁLÍAC.- Eu nunca vivín nun lugar chamado Galiza, así que...

FERNANDO.- Estráñame ata que fales galego tan ben, rapaza. Porque co mal guiada que me es no resto...

BERENGUELA.- Tan ben non o fala, que xa ves as barbaridades que di...

FERNANDO.- Pero bastante ben, para o que é de esperar!

BERENGUELA.- Iso si, esa razón non cha quito.

SARA.- Eu non falei galego en ningún momento.

BERENGUELA.- Perdoa? Señorita! Quizais sexa eu, que teño os ouvidos lixeiramente atrofiados, pero xuraría que falas un galego... Vulgar, a verdade. Bastante vulgar. Pero galego.

SARA.- Non. Faleivos castelán. Estou a falar castelán, agora. Se queredes falo galego, que non teño problema, pero como vós me contestastes todo o tempo en castelán.... É por ser educada, que non sei se saberedes o que/

FERNANDO.- Que che vou falar castelán eu! Vichesme cara de baldreo, a min? Ou de puto madrileño?

BERENGUELA.- Mira ti! A iso me lembrabas!

SARA.- Isto que é? Un xogo mental deses? Por que me dices que falades un idioma mentres falades o outro?

BERENGUELA.- Xa sei o que pasa! No futuro, o galego converteuse na única lingua do mundo, falada en cada un dos recunchos do Atlántico... Pero, por algún motivo que non comprendo, agora chámanlle... Castelán.

KIÁLÍAC.- Berenguela... Sinto paixón polos teus sonhos tribalistas.

SARA.- Que dices? Non, o galego é galego, e o castelán é castelán, son dúas cousas distintas. Mais nós estamos a falar castelán. Vós! Falades castelán desde que cheguei!

BERENGUELA.- Iso non é posible, querida. Eu só falo galego, nin falta me fai falar outra cousa! Non aprendín outra lingua nin cando ía casar cun inglés, como para perder o tempo agora, falando igual que os remendafoles e os ignorantes.

SARA.- Pois... Eu escoiteite dicir iso en castelán.

FERNANDO.- Acabas de dicir iso en galego!

SARA.- Non.

FERNANDO.- Manda carallo...

BERENGUELA.- Isto é moi estraño. E por que tiveches que comezar a falarnos en castelán, en primeiro lugar? Non ten sentido. Non é posible.

KIÁLÍAC.- É rariño, é, pero penso que si é posible.

BERENGUELA.- Que?

FERNANDO.- Como vai ser?!

KIÁLÍAC.- Eu tampouco falo galego. Nacín antes da Historia. Non había alfabetos nin esas cousas raras. Só tiñamos palabras para nomear cousas. A chuvia do verán, a do inverno. Son moi distintas. As herbas que meten furriqueira, iso é fundamental sabelo. A mazá que é máis pequeneira, e hai que disting/

FERNANDO.- Cala a boca, Celtia!

KIÁLÍAC.- Puto castrón... Non me chames así!

SARA.- Deixádea que explique!

KIÁLÍAC.- O tema é que cando eu vos falo, vós comprendedes as miñas palabras, malia que nos separan varios milenios. E eu escóitovos contestar na miña lingua, malia que non podedes coñecela. Nin sequera sabedes pronunciar o meu

nome! Nin sequera sabedes de onde veño, quen son, por que estou aquí exactamente. A vosa Historia non garda rexistro da miña existencia. Son unha pantasma que se vos agocha no sangue. Mais nos meus ouvidos todos falamos a miña lingua. Escóitovos falar a miña lingua, e vós... Aposto a que vós me escoitades falar a vosa. Penso que este lugar funciona así.

BERENGUELA.- Como?

KIÁLÍAC.- Non che quedou claro?

FERNANDO.- A min tampouco...

SARA.- A min tampouco...

KIÁLÍAC.- E a primitiva son eu. Hai que foderse cos listos do carallo. Serviuvos de moito, o alfabeto. Grande avance.

SARA.- A ver!

KIÁLÍAC.- O tema é que, dalgún xeito... Aquí todos temos un tradutor na boca, e outro nos ouvidos.

BERENGUELA.- Non! Iso non é posible!

KIÁLÍAC.- Non? Pois explícame por que eu vos escoito na miña lingua, e por que a do futuro vos escoita en castelán.

SARA.- Bua pava... Que percal. Dicide algo agora, dicide algo, a ver se é verdade.

FERNANDO.- O futuro está perdido con chaíñas coma ti, rapariga.

SARA.- SI, SI, É CERTO. QUE PUTA MOVIDA.

FERNANDO.- Vedes? O que dicía eu.

SARA.- Will you speak english to me if I start speaking english to you? Does this /

KIÁLIAC.- E agora que lle pasou na boca, quedou embarrada?

SARA.- Bua, que puta movida... E a xente que mira en que lingua escoitará? Se nos escoitan, claro.

KIÁLIAC.- Supoño que na súa, se teñen.

SARA.- Como non van ter?

KIÁLIAC.- Con estas cousas nunca se sabe.

BERENGUELA.- De que ano viñas, Sara?

SARA.- 2048.

FERNANDO.- Mólloche o biscoi/

BERENGUELA.- É común a túa... situación?

SARA.- Que situación?

BERENGUELA.- A de... A de falar en lingua de parvos porque pensas que a xente non sabe a normal.

SARA.- Ningunha lingua é de parvos, eh!

BERENGUELA.- AI MIÑA SANTA MARGARIDA!
LÉVAME! LÉVAME!

SARA.- Que lle pasa a esta, agora?

FERNANDO.- É que... Apaixóanse co tema... Ela... É da Idade Media, sabes? E era moi rica. Está acostumada ao poder. O poder das linguas pona castrona. E no seu tempo Galiza tiña moito poder... Moito! Pero eu enténdoches a túa situación,

porque eu sei o que pasou despois dela. Comigo podes desafogarte, Sara. Foron os borbóns, verdade? Forzáronvos eles? A todas esas cousas / de

SARA.- Ai, tío! Que pesadelo co dos borbóns! Supérao.

FERNANDO.- Sabes por que me chamo Fernando?

SARA.- Non. E creo que non me interesa.

FERNANDO.- Chámome Fernando en honor do grandísimo don Fernando II, último emperador de Galiza, fundador da orde de / Santiago!

BERENGUELA.- Por favor!

SARA.- O que dicía. Non me interesa.

BERENGUELA.- Canto mal fai a ignorancia... Se ese farfallón non fixese o que fixo non estaríamos onde estamos... Emperador... O que me faltaba por ouvir...

FERNANDO.- E ti que saberás, infanzona! Tan mal non o faría se en 2048 seguen a falar / galego.

BERENGUELA.- Si! Fíxoo xenial, por iso a rapaza do futuro entra no Alén, míranos a nós... E pensa que a mellor opción é falarnos en lingua de... Infraseres inútiles!

KIÁLIAC.- Se me permitides, gustárame dicir que non está ben xulgar moralmente algo que non pertence á categoría da moral.

FERNANDO.- Por Deus, Celtia, non empeces coas túas leas de filósofa primitiva...

KIÁLIAC.- Queres filosofía? Queres filosofía... Vouche pór o escroto de pucho!

SARA.- Non sei por que montades tanto cristo co tema... É unha lingua como calquera outra. Ou sexa, que non vos mola, vale. Xa o pillei. Todo o mundo ten os seus gustos, está ben, pero hai que respetar. A min non me mola o francés, pero son educada e non me poño a insultar á xente que o fala.

BERENGUELA.- Pois deberías.

FERNANDO.- Putos franceses!

KIÁLIAC.- A POLOS GALOS! ARRINCAREILLES A CABELEIRA! ESFOLAREINOS CUN COITELO DE ÓSO! COMEREI O SEU CORAZÓN! FAREI UN COLAR COAS SÚAS PIROLAS, E SERÁ O MEU AMULETO DA SORTE!

SARA.- Tía...

FERNANDO.- Ten razón. Todo o malo que pasa en Galiza ten un francés detrás... Eu non digo máis.

BERENGUELA.- Iso é así, estou contigo niso. Por iso o teu querido Fernando II era un... BORGOÑÓN!

FERNANDO.- Ti cala! Que seguro que tes sangue francés! Cocha infanzona!

KIÁLIAC.- Fernando paduán, Fernando paspán, Fernando panximicas, Fernando é un Xan!

BERENGUELA.- Exacto.

KIÁLIAC.- Na miña lingua tiñamos uns insultos espectaculares. Mágoa que só os coñezo eu...

BERENGUELA.- Pásame a botella, querida.

KIÁLIAC.- ALGUÉN. Precisamos máis viño.

Aparece botella de viño.

FERNANDO.- Eu non sei por que, pero sempre acabo apañando.

KIÁLIAC.- Porque es o que rapa as tundas.

BERENGUELA.- Quererás dicir que é un rapatundas.

KIÁLIAC.- Non, que va, que parvada, por que ía dicir iso? Dise rapar as tundas, non ser rapatundas.

BERENGUELA.- Dise ser rapatundas.

KIÁLIAC.- É rapar as tundas, como coller unha tunda e rapala, porque só un parvo como Fernando collería unha tunda e a raparía.

FERNANDO.- Tráeme algo de mastigar, Alguén, porque como siga coa boca baleira vou ter que baterlle a estas burras.

Aparece un paquete de chicles.

FERNANDO.- Isto que carallo é?

SARA.- Chicles.

FERNANDO.- Iso que carallo é?

SARA.- É como un caramelo... Que non se traga, só se mastiga.

FERNANDO.- E por que carallo me manda isto o Alguén?

KIÁLIAC.- Será porque pediches algo para mastigar.

FERNANDO.- Gústame o sabor.

BERENGUELA.- Polo menos non teremos que verte mastigar e cuspir coma unha besta.

FERNANDO.- Non me digas que no futuro tendes que mascar isto porque non tendes comida!

SARA.- Somos moi diferentes entre nós.

BERENGUELA.- A que vén iso agora?

SARA.- Ten que ser por iso, que nos puxesen xuntas.

KIÁLIAC.- Veña muller, non empeces. Carte d'Or.

BERENGUELA.- Carpe diem.

KIÁLIAC.- Carte d'Or, disfruta o teu momento.

SARA.- Por que coñeces esas palabras?

KIÁLIAC.- Non sei. Ás veces véñenme á cabeza, así... fium fium fium fium palabras doutros tempos. Ideas. Sons. Imaxes. Dale a tu cuerpo alegría ma/

SARA.- Sodes do que non hai...Vou colocar as cart/
Onde están as cartas? Quen as colleu!

FERNANDO.- Eu non sei de que falas.

BERENGUELA.- Nin idea de onde poden estar, querida.

SARA.- QUEN AS TEN! Merda! Foder! Sodes a hostia!
E non en plan guai! Hostias!

BERENGUELA.- Verás, querida... Non é que queiramos amolarte, so é que... O teu futuro ten unha pinta malísima. Lamentable. E aquí... Mentres os que miran nos miran... Existimos.

SARA.- Pero que dis? Estás morta! Xa non existes! Ninguén te lembra! NINGUÉN. Non vos aturades! Isto é o inferno! Fernando... Telas ti?

FERNANDO.- Si. Téñoas eu, e non chas vou dar.

SARA.- Xa non o aturo. Sodes o peor que me pasou na vida. Eu non fixen nada tan malo para merecer isto... Si, fodinlle o coche a mamá e logo fíxenlle pensar que fora ela, pero non é para tanto, foder... Xa non podo máis, sodes o puto peor...

KIÁLIAC quítalle FERNANDO e dállas a SARA.

FERNANDO.- Que hostia fas! Cadela!

KIÁLIAC.- Chegou a hora de que aceptedes a vosa extinción. Cheiramos a podre. O renacemento non é posible sen morte.

FERNANDO.- Es unha paifoca... Celtibera do carallo... Isto vains saír caro.

KIÁLIAC.- NON INTENTES IMPEDIRLLO.

SARA coloca as cartas nas fendas.

SARA.- Xa está. Agora vai pasar algo.

KIÁLIAC.- E se non pasa nada?

SARA.- Por que non?

FERNANDO.- E se o que pasa é peor?

BERENGUELA.- E se renacemos nun novo futuro de restauración da nosa patria?

FERNANDO.- Deuche o optimismo agora, afrancesada do carallo...

KIÁLIAC.- Non pasa nada se non renacemos. Nacer é unha acción cansativa. O descanso eterno soa ben, a verdade.

SARA.- Non me explico como pode ser que vós sexades as miñas antepasadas.

FERNANDO.- A min non me mires, que eu non che son nada teu, que fillos non tiven.

SARA.- Sodes... Persoas terribles... Conformistas. Incapaces de loitar por nada! Pasades os séculos a laiarvos do que fixeron convosco e sodes incapaces de facer nada para melloralo!

BERENGUELA.- Que imos facer nós? Morremos! Ninguén nos lembra! Que poderíamos facer? Ti moito facer, moito facer, pero pensar non pensas nada, rapaciña! QUE MÁIS DÁ! TODAS MORREMOS.

FERNANDO.- Quererás dicir que todos morremos.

BERENGUELA.- Que va, Fernando, estou segura de que no futuro segue a haber unha chea de cacholáns chocalleiros coma ti.

SARA.- Claro! Seguide a rifar! Iso mellórao todo. Sempre!

KIÁLIAC.- Escoitades iso?

BERENGUELA.- Non

SARA.- É como... Unha sirena.

FERNANDO.- Sirenas? Onde? Non as escoitedes! Non as escoitedes!

BERENGUELA.- Mira que es patético.

SARA.- Soou outra vez...

KIÁLIAC.- Sexa o que sexa... Xa é.

SARA.- Semellan trompetas!

BERENGUELA.- Ai, Santa Margarida! E se son as trompetas da apocalipse! O xuízo final achégase!

FERNANDO.- Non digas parvadas...

KIÁLIAC.- Eu tamén escoitei unha corna desas!

BERENGUELA.- Xa van tres! O fin achégase!

SARA.- Pode que non fose boa idea...

FERNANDO.- ME CAGO ATA NA SANTÍSIMA VIRXE DO CARME, QUE É A MÁIS SANTA DE TODAS.

SARA.- Acabo de escoitar a cuarta... Que facemos!

KIÁLIAC.- Imos bailar!

FERNANDO.- Non o entendo. Non ten sentido.

BERENGUELA.- Pois a min tenme toda a traza de apocalipse.

FERNANDO.- FOI A SEXTA

SARA.- Achégase moito. Sinto que é moi malo.

BERENGUELA.- Pero... Ves algo?

SARA.- Non, pero sinto que é moi malo.

BERENGUELA.- COLLÉDEME A MAN, NON QUERO MORRER SOA OUTRA VEZ. Foi a sétima. Xa chega.

SARA.- Non podo moverme.

BERENGUELA.- Por que non pasa nada?

SARA.- Eu non podo moverme.

FERNANDO.- O mítico Deus, quere collernos por sorpresa. Que pensemos que nos libramos e... Sempre ig/ Ai... Ai... Ai...

BERENGUELA.- Que?

FERNANDO.- Berenguela... Berenguela...

BERENGUELA.- QUE

FERNANDO.- Ti... Ti fuches a San Andrés de Teixido?

BERENGUELA.- Ai... CALA. CALA.

SARA.- Que é Teix/

KIÁLIAC.- Teixido! Ese era o meu p/

FERNANDO.- Ti cala! Axúdanos!

SARA.- Non, non, non.

FERNANDO.- Non podo moverme.

BERENGUELA.- NON PODO MOVERME.

KIÁLIAC.- Mogól tá mi gá iondráin ca mi ga riamiá!

Soa canción portuguesa.

B

Biografías

Rita Pinheiro

Rita Pinheiro, natural da cidade do Porto, inicia-se no mundo das artes no Balletteatro no ano 2000. Ao longo do seu percurso, teve como professores e formadores Bruno Schiappa, Cláudia Marisa, Diana Castle, Lúcia Roque, Janaina Leite, José Wallenstein, Marcia Haufrecht, Margarida Gonçalves, Nuno Nunes, Nuno Pino Custódio, Roberto Merino, Patrícia Vasconcelos, Teresa Brayshaw, entre outros.

Desde a sua estreia, já participou em inúmeros espetáculos dos quais se destacam a performance *Xarxa 25*, dos La Fura del Baus, no festival Imaginariu e a peça *Os últimos dias da humanidade* encenada por Nuno Carinhas e Nuno M. Cardoso.

Em cinema participou em diversos projetos, nomeadamente *A Imitação de Saguenail*; *2000 Pés* de Bruno Nacarato e André Sanjurjo; *Porto* de Gabe Klinger; *Aquarium* de Joana Correia Pinto; *Zoom in - Pequenas Maldições entre Amigos* de José Pedro Lopes e *13H* de José Paulo Santos.

Iniciou o seu percurso nas dobragens com Alvim e os Esquilos: a Grande Aventura. Desde 2013 que integra vários projetos musicais como cantora, sendo o projeto Rita Light ao qual se tem dedicado mais. No ano de 2018 fez a sua primeira co-criação do espetáculo, *Dedos curiosos*, dedicado ao público infantil, com o qual circula desde então.

Em 2019 estreou-se na escrita de argumentos com o filme *13H*, que se encontra em pós-produção, e *Ciclo* que entrará brevemente na fase de produção com a produtora portuguesa Filmes da Mente.

Em 2021, escreveu, encenou e interpretou o monólogo *Camaleoa. Um espetáculo original*, fruto de uma longa investigação, apresentado pela primeira vez no Teatro Helena Sá e Costa. Desdobra-se entre o trabalho de artista, criadora e professora e encontra-se a terminar o Mestrado em Artes Cénicas, Interpretação e Direção Artística na ESMAE.

Laura Porto

Laura Porto é dramaturga. Naceu en Covelo en 1992. Entrou en contacto co teatro na Universidade de Santiago de Compostela, onde cursou estudos de Filosofía. Acadou a súa titulación superior en Arte Dramática no ano 2019, na especialidade de Dramaturxia.

A súa primeira peza, *Sen orquestra*, estreouse no ano 2018 no marco do festival Son de Muller. No ano 2019 traballou como axudante de dirección e deseñadora de espazo sonoro a carón de Marián Bañobre, na compañía Olivas Negras, durante a montaxe da peza *12 uvas, 2 mulleres e 1 oliva*. No 2020, acompañou como dramaturga e directora á compañía Amorod(i)o Teatro no seu primeiro espectáculo, *Reino da extinción*, estreado o pasado mes de outubro.

Actualmente combina o seu traballo como dramaturga co de docente de escrita teatral.

Un dos seus textos, *O senso da floración*, vén de ser publicado no volume colectivo *Dramaturxia galega actual II*, editado por ÁFEIRA.